

# EDITORIAL

A *Revista Lampejo – Revista de Filosofia e Cultura* lança o seu décimo segundo volume. Como de costume, a edição não tem um tema propriamente definido, dando assim mais espaço aos diversos artigos que recebemos de modo fluxo contínuo. A presente edição conta com 17 artigos, um ensaio, uma tradução, um ensaio fotográfico e o dossiê “Pensamento nômade”, feito em homenagem ao professor Daniel Lins. Sempre prezando pela relação da própria filosofia com outros campos do saber, a revista traz diversos artigos com temas distintos, desde uma análise lógica de Epicuro à uma leitura do destino da internet, desde o belo em Schopenhauer à uma leitura de composições de sambistas.

Normalmente os editoriais discorrem sobre a edição que está sendo lançada e falam sobre cada artigo que se apresenta, no entanto, queremos aqui ressaltar alguns pontos da própria revista, que não deixa de falar indiretamente de cada artigo que é aceito para publicação nesta, ou seja, dos valores que preza a *Lampejo*.

É sempre interessante e importante lembrar que a *Lampejo* se encontra no momento em seis *Qualis* pela plataforma Sucupira, que são: Filosofia (B4), Linguística e Literatura (B1), Interdisciplinaridades (B4), Psicologia (B4), Educação (C), e Planejamento Urbano e Regional/Demografia (B5). Ou seja, a revista preza pela ramificação do próprio conhecimento, que não seria propriamente algo rígido, mas que se dissipa, e que não importa de onde venha qualquer inquietação ou reflexão, mas que ela seja possível e passível de experienciar, de alguma forma, expressá-la, mesmo não sendo em forma de um artigo dito propriamente “científico”.

Fazemos o que fazemos pela possibilidade da invenção, por dar voz a perspectivas, por no fundo, também podermos nos surpreender com aquilo que não nos aparece de imediato, e que carece de certa mediação. A surpresa da escrita, do pensamento, da experiência, é o que nos subjetiva e nos objetiva, é o que faz a *Lampejo* de algum modo, mover-se. É assim, a nossa tentativa de potencializar experiências e experienciar potências.

A exploração de outros tipos de textos é também um intuito da revista, e uma questão

valorizada, para que o próprio "saber" filosófico, ou experiência filosófica seja possível de ser posta. A questão para nós da Lampejo, parece se apresentar de novo com uma questão nietzscheana, ou seja, com que valor as revistas de filosofia no Brasil trabalham ou dialogam? A quem, nós, acadêmicos, estamos falando, ou a quem os nossos discursos estão servindo? Do que falamos quando falamos de filosofia no Brasil? Se o intuito de revistas é publicizar e expor o conhecimento filosófico, como podem então as próprias revistas irem *além do bem e do mal*? Como elas podem potencializar e agenciar conhecimentos e experiências?

Caro leitor e leitora, ficam aqui algumas das nossas várias, diversas, múltiplas perspectivas e o nosso desejo de uma boa e interessante leitura.

Os Editores